

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

PIBID: MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E APRENDIZAGENS DOS BOLSISTAS DO
SUBPROJETO ESPORTE DA ESCOLA

Eduardo Rodrigues Oliveira

Porto Alegre, dezembro de 2016.

Eduardo Rodrigues Oliveira

PIBID: MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E APRENDIZAGENS DOS BOLSISTAS DO
SUBPROJETO ESPORTE DA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito parcial para
conclusão do Curso de Licenciatura em Educação
Física na Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Rogério da Cunha Voser

Porto Alegre, dezembro de 2016

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais que sempre estiveram presentes na minha formação pessoal, que nunca mediram esforço para garantir o bem-estar da nossa família e por fazerem eu me sentir desafiado a ingressar no ensino superior, já que os dois se mostraram opostos à minha vontade de cursar a graduação. Essa posição dos mesmos só me motivou mais a alcançar meu objetivo e provar que era possível realizar meu desejo, então, de alguma forma eles tiveram sua parcela de contribuição.

Agradeço aos meus irmãos, companheiros de toda a vida, por todos os momentos que compartilhamos desde a infância e por eles terem colaborado de forma decisiva na minha escolha de curso, já que as nossas brincadeiras sempre envolveram atividades esportivas, despertando meu gosto pela educação física.

A Thais, que passou praticamente todo o período da graduação ao meu lado, pelas suas palavras de apoio nos momentos de dificuldade, me incentivando a seguir em frente, pelo carinho, parceria e auxílio nos estudos quando foi necessário.

Aos amigos que fiz durante a minha trajetória acadêmica, por todos os momentos de alegria, diversão e descontração, das conversas pelos bancos da ESEFID até a divisão dos espaços de aprendizado em aula.

Agradeço também a todos os professores que tive durante o curso, cada um deles foi importante na minha formação. Um obrigado especial ao Professor Rogério Voser, orientador deste trabalho, que foi o primeiro a me dar a oportunidade de trabalhar com a educação física escolar, sempre vou lembrar-me desse grande profissional, um exemplo de professor para mim, que mantém um vínculo muito próximo com seus alunos sem perder a credibilidade e que tem uma facilidade enorme em conduzir uma aula.

Também queria agradecer a Professora Anelise Gaya, profissional muito comprometida com a educação física e que foi muito importante na minha formação, pois, a cada conversa que tivemos, me motivei ainda mais a seguir o meu caminho como docente dessa disciplina, cresceu de forma significativa minha dedicação e comprometimento no trabalho sendo seu aluno.

Por último, agradeço aos meus colegas de PIBID, pela colaboração na construção desse trabalho. Pelas inúmeras conversas que tivemos sobre as situações que estávamos

enfrentando em nossa atuação nas escolas, sem dúvida foi de grande valia essa troca de experiências. A todas as escolas que fazem parte do nosso subprojeto, diretores, supervisores, alunos e funcionários, que sempre me trataram com respeito e cordialidade, me possibilitando um aprendizado enorme que não consigo descrever em palavras, muito obrigado!

Resumo

O presente estudo tem por objetivo verificar quais são as motivações, desafios e aprendizagens dos bolsistas em sua atuação no subprojeto esporte na escola do PIBID. A abordagem é qualitativa e descritiva, contando com a participação dos vinte e sete acadêmicos, de ambos os sexos integrantes do subprojeto em questão. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: A carta de motivação e justificativa entregue pelos alunos da ESEFID/UFRGS no momento do processo seletivo para entrada no PIBID e um depoimento escrito dos mesmos onde descrevem os desafios que enfrentaram ao ministrarem aulas de educação física nas escolas e as aprendizagens obtidas através do exercício da docência junto às turmas.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação Física. PIBID.

Abstract

The present study has for objective verify wich are the motivations, challenges and learning of students in your interaction in the subproject sport in school from PIBID. The approach is qualitative and descriptive, with the participation of the twenty-seven academics, of both sexes of the subproject in question. Were used two instruments for the data collect: The letter of motivation and justification delivered by students of ESEFID/UFRGS in the moment to selective process for entry at the PIBID and a written attest of the same where describe the challenges what faced to the minister physical education classes in schools and the learning obtained by from the exercise of teaching together the classes.

Key words: Formation of teacher. Physical Education. PIBID.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA	9
2.2 CONTEXTUALIZANDO O PIBID NA UFRGS	12
2.3 O SUBPROJETO ESPORTE DA ESCOLA.....	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	15
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	16
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	16
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

A formação de novos professores de educação física vem sendo muito debatida nos últimos anos. Diversos autores têm publicado trabalhos a respeito desse tema, discutindo sobre o currículo que é trabalhado nos cursos de graduação e se somente o conteúdo teórico que é ensinado seria suficiente para a atuação no ambiente escolar. Darido (1995) afirma que as possibilidades de diminuir o afastamento entre teoria e prática da formação curricular seria a aceitação de um modelo onde a prática de ensino não apareça apenas no final da formação, e sim que inclua a prática desde o início da trajetória acadêmica. Entretanto, é necessário que essa ação seja acompanhada de perto por um supervisor que instigue o estudante a refletir sobre essa prática.

Tentando possibilitar esse enlace entre teoria e prática foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PIBID/CAPES). O PIBID tem o intuito de valorizar a formação dos professores da educação básica através da inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua trajetória acadêmica, afim de que os mesmos desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob a orientação de um docente da licenciatura e um professor da escola onde acontece a atuação. Dentre as áreas contempladas pelo programa está a Educação Física, onde está inserido o subprojeto esporte na escola que motivou esse estudo. Atuo como bolsista desse subprojeto desde a sua criação em 2014 e neste tempo tenho adquirido inúmeras experiências e também evidenciado grandes desafios.

Acredito que esse estudo se justifica pelo grande impacto que tem na formação de novos professores de educação física. A atuação como bolsista no PIBID é um diferencial na trajetória dos alunos de graduação, lhes possibilita encarar a realidade de trabalhar em escolas públicas de educação básica e perceber como é de fato uma aula de educação física, podendo aliar a teoria que é passada em sala de aula com a prática. Penso que tendo essa experiência o bolsista tem uma contribuição fantástica em sua formação como futuro professor de Educação Física, ganhando a chance de problematizar as questões da área já antes de concluir o curso, aprendendo como lidar com as situações que irão ocorrer durante as aulas e a superar os desafios que apareçam no desenvolvimento das mesmas.

Baseado no acima exposto tem-se o seguinte problema de pesquisa:

Quais são as motivações, desafios e aprendizagens dos bolsistas em sua atuação no subprojeto esporte da escola do PIBID?

Como objetivo geral se propôs verificar as motivações, desafios e aprendizagens apresentadas pelos bolsistas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao falarmos em Educação Física, uma das discussões predominantes sobre a área vem sendo a formação profissional no âmbito da licenciatura. Rodrigues (1998) acredita que as licenciaturas em educação física estão muito focadas em passar um conhecimento científico, deixando de lado o aspecto intelectual e crítico. Limitando o pensamento a isso, o professor não estará preparado para lidar com as variadas circunstâncias que podem aparecer em suas relações enquanto docente. É preciso que haja um equilíbrio entre os dois saberes, considerando que ambos são importantes. Não basta ter domínio somente de atividades técnicas, também é necessário ter ciência de todos os elementos que fazem parte do processo educativo.

Em seu trabalho, Francisco (2013) afirma que mesmo com as mudanças que aconteceram no conhecimento gerado pela educação física no final da década de 1970 e início dos anos 1980 ainda permanece uma hegemonia de conteúdos biológicos durante a formação, embora tenha crescido o debate acerca das teorias críticas. Ainda que tenha ocorrido esse desenvolvimento, as discussões de natureza crítica parecem não estar integradas no processo, apesar do aumento nas reflexões sobre a área com o surgimento de diversas abordagens pedagógicas para a educação física.

“O modelo de formação de professores de educação física no Brasil parece não dar conta de contemplar as discussões produzidas a partir dessas abordagens ou ainda parece estar um pouco distante” (FRANCISCO, 2013, p. 204). Os motivos para que aconteça tal situação são os mais diversos, há um embate entre as áreas biológicas e as ciências humanas dentro do curso que em nada ajuda na formação acadêmica. Nota-se um confronto entre os intelectuais dos dois campos para dar mais importância ao seu objeto de estudo e não há muito interesse em procurar uma solução em que todos saiam beneficiados. É necessária uma unificação de todos esses conhecimentos, que de fato são indispensáveis ao professor que está em formação. Desta forma, será possível qualificar o currículo vigente a fim de propiciar uma melhora na construção profissional que está sendo realizada.

Passando para a relação entre teoria e prática, Betti e Betti (1996) julgam ser esta ligação à base dos problemas que atingem os currículos de formação profissional em Educação Física. “O conceito de prática está baseado na execução e demonstração, por parte do graduando de habilidades técnicas e capacidades físicas. Há separação entre teoria e

prática. Teoria é o conteúdo apresentado na sala de aula, prática é a atividade na piscina, quadra, pista, etc” (BETTI E BETTI, 1996, p. 10).

Outros estudos evidenciam essa desvinculação entre o conteúdo da formação inicial e a prática profissional, fato que pode prejudicar a futura atuação do educador, que não recebe os subsídios necessários para contornar determinadas situações.

De modo geral, a academia privilegia a teoria (conhecimento científico) em detrimento da prática (saber da experiência). Os programas de formação inicial costumam estar separados dos problemas reais que o professor deve enfrentar em seu trabalho cotidiano. Por exemplo: os alunos socialmente desfavorecidos e que, hoje, constituem a maioria dos alunos da escola pública são “desconhecidos” pelos docentes em formação. Assim, um dos desafios da formação inicial é trazer, para reflexão nos cursos de licenciatura, a realidade escolar (CALDEIRA, 2001, p. 91).

Aproximar o licenciando do ambiente escolar é primordial, na intenção de fazê-lo sentir-se parte desse espaço em que ele está inserido. Deste modo, o mesmo estará pronto para superar os obstáculos que a falta de relação entre a teoria e a prática pode causar, indo além do ensino dos conteúdos sob responsabilidade da disciplina, conseguindo refletir sobre a sua atuação.

É necessário que haja avanços nos currículos do curso nas instituições de ensino superior, a fim de estabelecer um modelo que dê a mesma importância para a teoria e a prática.

O professor é preparado para trabalhar em uma situação de ensino-aprendizagem ideal, com alunos e condições ideais. Tanto na universidade como nos programas de formação continuada – quando são oferecidos – confrontam-se com a frustração de receberem conhecimentos referentes a situações nas quais tudo ocorre de forma controlada e as ações são sempre eficazes e sem traumas, dando-lhes a impressão de que são profissionais incompetentes por não conseguirem reproduzir com sucesso essas propostas (GASPARI et al., 2006, p. 126).

Além dessas considerações que foram feitas, ainda surge outro entrave na discussão desse tema: São muitos conhecimentos adquiridos durante a graduação e não há tantas chances de testá-los na prática. Somente os estágios obrigatórios não preparam o estudante para ser professor de Educação Física. Algumas disciplinas ainda possibilitam certas vivências, como observações de aulas ou que os profissionais em formação ministrem alguma prática para seus colegas, porém apenas isso não é suficiente. É fundamental que o futuro docente possa colocar a teoria em prática, para refletir sobre sua ação e ter claro para si que em muitas oportunidades será preciso ressignificar o conteúdo visto em sala de aula, a fim de obter melhores resultados em sua intervenção.

A prática deve ser a protagonista ao longo da caminhada, o aluno deve ter contato com a sua área de atuação desde o começo de sua trajetória acadêmica, seja vendo profissionais mais experientes em ação ou mesmo discutindo sobre as estratégias que este utiliza para

atingir seus objetivos, assim ele estará mais preparado para resolver os problemas que vão acontecer em suas aulas.

É relevante salientar que o educador deve seguir sua formação após concluir a graduação, para qualificar sua intervenção pedagógica. O profissional deve entender que esse processo está sempre em construção, acompanhando as mudanças que acontecem na escola, local de sua atuação e que lhe possibilitará ter essa continuidade. As propostas para dar sequência na formação dos docentes, muitas vezes, se dão por meio de atividades já realizadas anteriormente, como seminários e cursos, que estão apenas repetindo o percurso inicial do licenciado. Há uma dificuldade em enxergar que a maioria da formação dos educadores se dá na escola, e esta se apresenta com potencial para a reflexão e análise pedagógica.

Essa sequência do processo formativo pode ser feita através de consultas a literatura da área, que está em constante atualização, de um aconselhamento com profissionais mais experientes ou de um diálogo com a supervisão/direção da escola, tudo para atingir um nível maior no desenvolvimento de suas atribuições. O investimento realizado com esse objetivo é visto com bons olhos, por manter o docente motivado e ajuda-lo a qualificar o ensino.

O trabalho coletivo tem sua importância no aprimoramento dos educadores, a reflexão entre os pares é relevante por oportunizar um rompimento com uma visão tecnicista da atividade docente. Tal processo não pode permanecer estagnado, sem avanços, levando em consideração que o mesmo não é algo definitivo. É fundamental que exista renovação frequente dos conhecimentos, por meio de troca de informações entre os professores, desse modo, haverá evolução na formação de todos.

Cabe ao coletivo de professores questionar sua própria prática, revisá-la e refletir sobre o que está fazendo e por que fazê-lo dessa maneira e não de outra. Cabe, também, ao professorado compartilhar saberes e experiências, trocar informações sobre os alunos, confrontar pontos de vistas diferentes, refletir sobre os saberes por eles produzidos (CALDEIRA, 2001, p. 94).

A ação comum do professorado estimula a discussão, a reflexão e um planejamento mais apurado da prática. É algo que exige comprometimento, respeito, solidariedade e um olhar crítico. Combinados esses fatores, teremos uma solução conjunta dos problemas que se apresentam na intervenção docente, além de enriquecer sua formação com o intercâmbio de experiências e pensamentos durante o processo.

2.2 CONTEXTUALIZANDO O PIBID NA UFRGS

O programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) começou a fazer parte da UFRGS em 2009, com edital de 2007. A princípio, os cursos de licenciatura que foram contemplados pelo programa foram: Artes Visuais, Biologia, Ciências Sociais, Física, Geografia, História, Letras, Matemática e Química. Em razão do êxito obtido com os subprojetos dessas áreas, outros cursos se inscreveram na abertura do novo edital em 2009: Filosofia, Teatro e Pedagogia.

Dentro da nossa universidade, o PIBID busca estimular a formação de docentes trabalhando em conjunto com as escolas estaduais do Rio Grande do Sul, procura habilitar os licenciandos e futuros professores para a atuação na educação básica e contribui com a articulação entre teoria e prática, auxiliando na formação dos alunos da instituição. Dentre as metas estabelecidas pelo programa, é interessante mencionar que esta intervenção realizada pelo PIBID deseja fortalecer o espaço institucional dos cursos de licenciatura na universidade, incentivando a procura aos mesmos para que haja uma valorização do magistério.

O curso de educação física foi incluído no PIBID em 2012, inicialmente com dois subprojetos: Educação física na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. Mais tarde, em 2014, uma nova proposta foi idealizada e daí surgiu o subprojeto esporte na escola, também atuando junto ao Ensino Fundamental e Médio.

A apresentação de todo este caminho percorrido até aqui pelo PIBID dentro da UFRGS nos mostra a evolução deste programa ao longo dos anos, de modo a estar totalmente inserido em nossa instituição atualmente. Graças a ele, é possível esse enlace entre os conhecimentos adquiridos na faculdade e os saberes produzidos na escola. O estudante de graduação tem a oportunidade de se aproximar da docência logo cedo e ainda proporciona ao supervisor uma reflexão sobre sua prática, ao mesmo tempo em que este acompanha o desenvolvimento das atividades.

O docente da escola que monitora o trabalho pode agregar conhecimentos novos, muitos dos quais pode não ter visto em sua graduação, o que possibilita o surgimento de novas estratégias de ensino de sua parte, inovando a sua prática, apresentando outros conteúdos aos alunos e por consequência, tornando suas aulas mais atrativas. Já para o graduando, ter a chance de vivenciar à docência durante a sua formação é um diferencial enorme.

Os bolsistas, sendo inseridos no ambiente escolar, conseguem ter uma ideia clara do que é ser professor, visto que existe a convivência com os educadores das outras disciplinas, o trato com os funcionários da instituição e as rotinas a serem cumpridas (reuniões, avaliações, planejamento). Além disso, possibilita uma melhora substancial nas aulas de educação física, pois, os licenciandos trazem consigo novos saberes que elevam a qualidade das atividades desenvolvidas, aumentando o número de práticas ofertadas aos estudantes.

2.3 O SUBPROJETO ESPORTE NA ESCOLA

O subprojeto em questão faz parte de um dos grupos da Educação Física, iniciando suas atividades no primeiro semestre de 2014. A finalidade primordial da proposta deste projeto é incentivar o crescimento dos alunos como cidadãos, educando-os utilizando uma proposta voltada para o esporte. Por intermédio de atividades esportivas procura-se trabalhar diversos aspectos sociais presentes no ambiente escolar, buscando agregar na formação integral dos alunos. Sendo o esporte uma manifestação da cultura corporal muito presente em nossas vidas, nada melhor do que valer-se dessa estratégia para contribuir na construção do caráter dos educandos.

A ideia é desenvolver o trabalho através do esporte educacional, que evita a seletividade e o excesso de competição entre os praticantes, objetivando alcançar uma evolução na formação dos sujeitos envolvidos na ação. Tal prática deve ser ofertada de forma agradável e desafiadora, propiciando a participação de todos, inserindo os mesmos nas aulas, que devem apresentar um caráter plural. O interessante é idealizar um cenário que possibilite as crianças e jovens o acesso à prática esportiva, levando em consideração suas vontades e expectativas, transformando sua realidade de ensino, lhes permitindo envolvimento direto no processo de aprendizagem.

Para englobar esses elementos, se utiliza uma metodologia diferenciada, com enfoque nos jogos. Diferente do modelo de ensino mais usual existente nas escolas, em que há uma preocupação exagerada com a técnica, esse método baseia-se na parte global-funcional, desenvolvendo o aprendizado a partir de pequenas situações encontradas na modalidade em questão, podendo haver modificação de regras ou alterando o número de jogadores, de bolas ou de alvos. Essa abordagem se aproxima mais da prática real do esporte, auxiliando na criação de um entendimento tático eficaz.

Alguns autores têm se manifestado sobre o assunto em seus trabalhos. Para Barroso e Darido (2006) se o esporte está inserido na vida dos indivíduos, é justo que o mesmo se faça presente na escola, especialmente como conteúdo das aulas de educação física. Deste modo, seu aparecimento nas instituições de ensino tem como meta preparar o cidadão para intervir diretamente na sociedade que irá pertencer. Há uma ligação entre a escola e o esporte, visto que a primeira tem o ato de educar como base, desempenhando a função de capacitar os alunos e o segundo pode ser uma ferramenta muito eficiente nesse processo.

Já Neuenfeldt (1999) constata que o esporte contribui na formação dos educandos, se o professor tirar proveito de sua prática, sabendo trabalhar os diferentes contextos que o envolvem. É necessário ir além do gesto técnico, ensinar também os alunos a refletirem e desenvolverem sua capacidade crítica, trazendo discussões sobre a prática realizada. Dessa forma, o docente pode contribuir efetivamente na educação do jovem que ali se encontra. É indispensável fazer o aluno enxergar significado no conhecimento assimilado durante as aulas, para que de fato ocorra adesão a prática regular do desporto. Relacionar a prática esportiva com a vida fora da escola, analisando as características semelhantes entre as duas, pensando em como tirar proveito do aprendizado adquirido em seu cotidiano.

“O esporte participa direta ou indiretamente de nossas vidas, possui espaço garantido em todos os jornais, em horários nobres da TV, estando presente nas atividades de lazer, em competições de alto nível e nas aulas de Educação Física” (NEUENFELDT, 1999, p.237). Essas, dentre outras circunstâncias atestam o seu desenvolvimento junto aos escolares, pois, trata-se de um fenômeno sócio-cultural e problematiza-lo durante os encontros melhora a compreensão dos educandos sobre como o tema é tratado nos diferentes meios.

Permite grande interação social, resolução de situações problema e possibilita o trabalho em equipe, aspectos que com certeza aparecerão em algum momento da vida adulta dos alunos. Contempla elementos importantes para o desenvolvimento geral dos estudantes, trazendo questões como o respeito ao adversário, saber lidar com situações favoráveis e adversas, o crescimento do repertório motor através do aprendizado dos fundamentos das modalidades e permite o contato com algo que é muito presente na cultura do nosso país, visto que a prática desportiva é muito forte em todo o território nacional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa é de abordagem qualitativa e descritiva, prevalecendo a interpretação do pesquisador, que irá fazer a análise junto a um determinado grupo de pessoas. As investigações de natureza descritiva determinam o comportamento de uma variável dentro de uma situação específica. “A estratégia básica de um estudo descritivo será, então, a amostragem, sua caracterização e inferência para o todo. Nesse sentido, o delineamento deve reforçar a amostragem (suas peculiaridades, como tamanho – N amostral – e método de amostragem)” (VOLPATO, 2011, p. 198).

Uma investigação de caráter descritivo qualitativo tem um propósito diferente do quantitativo. O destaque é dado às questões interpretativas, o foco está na busca de respostas que solucionem as dúvidas do pesquisador, visto que o mesmo deixa sua intenção bem evidente neste tipo de abordagem. A função do investigador é fundamental, sendo ele o responsável direto pelas tarefas que devem ser realizadas, a fim de possibilitar a compreensão do fenômeno que está sendo pesquisado.

A obtenção das informações nesse tipo de pesquisa se dá por meio de observações, registros de campo, conversas informais e no caso deste trabalho, através de análise documental e depoimentos escritos. Esse método irá facilitar as conclusões do pesquisador e se encaixa perfeitamente na proposta que está sendo desenvolvida.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram do estudo vinte e sete bolsistas de ambos os sexos, com idade entre 22 anos e 33 anos integrantes do subprojeto da Educação Física intitulado esporte da escola do PIBID. A escolha dos sujeitos se deu de forma intencional, pensando que os mesmos estão aptos a dar as informações necessárias para responder as questões relativas a esta investigação.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados para o trabalho foi realizada através de duas metodologias:

- a. Análise da Carta de Motivação entregue pelos alunos no momento do processo seletivo para a entrada no PIBID.
- b. Depoimento escrito sobre os desafios encontrados durante sua atuação como bolsista e as aprendizagens proporcionadas pelas vivências junto as turmas.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foi realizada uma reunião com a presença dos sujeitos que participaram da pesquisa, com a finalidade de explicar aos mesmos todo o procedimento referente ao trabalho. No depoimento escrito, os nomes dos indivíduos colaboradores foram mantidos no anonimato. Todos os bolsistas do PIBID aceitaram participar voluntariamente do estudo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A seguir são apresentados 3 quadros com todas as respostas dos bolsistas em relação as questões de pesquisa que foram levantadas neste trabalho.

Após esta apresentação dos quadros, surgiram algumas dimensões que foram discutidas com a literatura.

Quadro 1: Respostas dos bolsistas selecionados em relação as motivações para ingressar no PIBID

Motivações para o ingresso no PIBID
“Minha mãe é professora...eu estudei em escola pública...Pibid tem um conceito bom na Universidade...O conteúdo trabalhado na teoria na graduação é colocado em prática...”ACS1
“Oportuniza ao futuro professor vivenciar o dia a dia da escola pública conhecendo a clientela e enfrentando desde cedo os desafios que aparecerão...Só o estágio obrigatório é pouco para os desafios que a escola pública exige...”ABF2
“...além de agregar muito ao meu currículo em uma futura oportunidade de emprego na rede pública de educação, seria uma grande chance de adquirir experiência e conhecimento em nossa atividade fim, afinal estamos sendo formados para sermos professores...me agrada muito contribuir para a formação de crianças e adolescentes, me traz grande satisfação e motivação para seguir em frente...”ARR3
“A motivação que me levou a fazer parte do PIBID foi principalmente aprender ganhando experiência.”CG4
“Qualificar para a área de licenciatura...permitirá compartilhar e trocar experiências...será um excelente desafio, pois será possível enfrentar as mais diversas situações, permitindo a reflexão sobre a experiência e a prática...”DPS5
“Adquirir experiência para minha carreira profissional... pretendo desmistificar que a Educação Física não precisa de professor, bastando apenas uma bola...Como já estudei em colégio público, sei que há uma maior diferença entre estilos e interesses por parte dos alunos...transformando a aula em um aprendizado não só para mim, como para os estudantes.”EAM6
"Entendo que a vivência na sala de aula é muito importante para a nossa formação... Acredito que é muito interessante conhecer uma nova realidade, um novo espaço, uma nova comunidade... Tenho a intenção de utilizar toda a bagagem que a graduação e minhas

<p>experiências anteriores me dão, a fim de proporcionar intensas e valiosas vivências para os educandos... Acredito que será uma experiência enriquecedora, e que trará vivências e conhecimentos somente adquiridos na prática."ECFR7</p>
<p>"Aumentar a minha experiência no ensino escolar para conhecer a realidade mais de perto." ERN8</p>
<p>"A oportunidade de trabalhar no ambiente escolar e ajudar a formar cidadãos...trabalhar a disciplina desde as séries iniciais é muito importante para o desenvolvimento de habilidades...é uma experiência que preciso ter para me testar...tenho muito para aprender sobre a docência com a intervenção dos coordenadores, todos devem ter muito a oferecer..." ERO9</p>
<p>"Bom, primeiramente minha motivação era ter uma atividade produtiva, no sentido de experienciar essa vivência em estar à frente de uma turma, dando as orientações, instruções, preparar aulas, atividades e também claro, a parte financeira que é um auxílio que ajuda a vida do estudante de graduação."JVR10</p>
<p>"Primeiramente pela experiência de dar aula, como ainda não decidi em que área quero atuar dentro da Educação Física, penso que é importante vivenciar na prática. Além disso, sempre tive bons professores de Educação Física na escola, queria saber como era estar no lugar deles, e talvez fazer alguma diferença na vida dos alunos, assim como meus professores fizeram."LOR11</p>
<p>"Escolhi a Educação Física porque acredito que a educação, de uma maneira geral, junto a atividade física, seja um campo favorável desde a idade inicial até a terceira idade..."LSL12</p>
<p>"Durante esse período de aprendizado na graduação encontro algumas dificuldades em pensar a escola como é de fato...Gostaria desde já conhecer qual o perfil dos que lá estão, compreender seus contextos de vida e assim viver a profissão efetivamente..."LCS13</p>
<p>"Eu precisava de uma bolsa e sempre ouvia falarem bem do PIBID, que era uma bolsa que dava muita experiência na escola, que é uma área que quero atuar."LF14</p>
<p>"Enxerguei no PIBID uma forma de conhecer a docência e poder colocar em prática o embasamento teórico passado pela universidade. Outro ponto que me despertou interesse foram relatos de colegas que já estavam no programa e comentavam sobre o aprendizado que estavam obtendo."LNGL15</p>
<p>"Minha vontade é experienciar o papel de professor em escola pública...visando diversificar as atividades...Meu principal foco é realmente aprender...ajudar as pessoas a desenvolver melhor suas capacidades motoras e psicológicas."MFR16</p>
<p>"Conheci o programa através de uma palestra...o PIBID pode ser um grande passo na minha formação como professor...busco adquirir experiência...me certificar de que esta é a área certa para meu futuro como educador."MGGT17</p>
<p>"Desempenhar a docência momentaneamente e futuramente...posso disponibilidade de</p>

horário para cumprir minhas obrigações.”MLM18
“Minhas aulas de Educação Física sempre foram muito monótonas e maçantes...Ajudar a construir um indivíduo que saiba o valor da coletividade, do respeito, suas qualidades e defeitos...Como professores somos responsáveis pela educação e bom direcionamento de nossas crianças...”MMS19
“Tenho interesse nesse programa desde que fiquei sabendo de sua existência...fiz um estágio obrigatório na Educação Infantil e gostei muito, foi minha primeira experiência...considero que o PIBID seja a melhor opção para todos aqueles que querem realmente se tornar professores”MCM20
“Aprendizagem, experiência, conhecer desafios da docência.”NRC21
“Acho que a vontade de dar aulas de educação física e possibilitar a melhora das minhas aulas para o estágio obrigatório. O PIBID nos possibilita uma excelente forma de saber nos portar diante da turma e nos ensina como elaborar aulas de qualidade aos nossos alunos.”PE22
“Meu principal motivo para ingressar no projeto foi o fato de poder, desde cedo na minha profissão, entrar no mercado de trabalho. Por não ter experiência nenhuma na área o PIBID supri exatamente as minhas necessidades, por se tratar de um programa onde temos acompanhamento de supervisores e professores no dia-a-dia e também em encontros previamente marcados para debatermos diversos assuntos relacionados a nossa realidade de trabalho como professor de escola pública.” RST23
“Quis buscar experiência, como seria algo novo para mim, queria uma vivência mais compartilhada aonde eu pudesse aprender com um colega de profissão também.”RM24
“Será muito importante para o meu crescimento profissional e um grande aprendizado...vivenciar a realidade do ensino público, suas condições de trabalho e estrutura...Com o esporte conseguimos inserir valores e ensinar de uma forma prática.”TCTO25
“A principal motivação foi através dos professores que usaram algum tempo de sua aula para falar do PIBID, e isso despertou meu interesse em vivenciar a realidade nas escolas com o auxílio dos professores.”TSJ26
“O professor é o responsável por ser o exemplo a ser seguido pelos alunos, aquele que mostrará um leque de opções a crianças que muitas vezes já entram na escola sem esperanças de um futuro melhor...acredito que nós, futuros profissionais da educação, temos o dever e a responsabilidade em nossas mãos de ser a principal peça de transformação na sociedade em que estamos inseridos.”WAL27

Quadro 2: Respostas dos bolsistas selecionados em relação as dificuldades e desafios encontrados durante as aulas no PIBID

Dificuldades e desafios no PIBID
“Meu primeiro desafio foi lidar com um grupo grande de alunos e ainda propor desenvolver a vivência de vários esportes na mesma aula...”ACS1
“...na primeira aula levamos um choque ao receber alunos regulares e especiais, de diferentes idades, tamanhos e níveis de maturação, tudo em uma mesma turma... começamos a perceber que, algumas vezes, a faculdade não nos proporciona subsídios necessários para lidar com a estrutura e situação da escola pública... Há momentos de frustração e decepção quando os alunos não querem participar da aula, quando perdemos o controle da turma; quando refletimos sobre a situação da educação pública e sobre a desvalorização do professor...”ABF2
“...As turmas com quem eu iria trabalhar eram de crianças de primeiro a quarto ano, e isso me causou uma leve estranheza, pois era esperado que fossem alunos de ensino médio, ou de ensino fundamental anos finais e não anos iniciais... as crianças, principalmente as mais novas, apresentavam um atraso em seu desenvolvimento cognitivo motor muito evidente...Eu nunca havia trabalhado com essa faixa etária e não tinha a mínima ideia de como seria difícil, exaustivo e intrigante trabalhar com esses alunos...”. ARR3
“Dar aula eu acho que acaba sendo um desafio em qualquer lugar. Trabalhamos com alunos muito heterogêneos (em termos educacionais e de experiências de vida) que acabam se comportando de diferentes maneiras independente das idades”. CG4
“...enfrentamos certa resistência por parte dos alunos na mudança das aulas de Educação Física, pois conforme relato dos mesmos estavam acostumados a realizar atividades que tinham interesse (atividades livres)...Apesar, de ter excelentes vantagens em trabalhar com uma turma menor, permitindo um acompanhamento de todos os alunos, dificulta quando alguns alunos não estão dispostos a fazer o planejado, pois reduz o quadro de alunos envolvidos nas atividades...Aliás, uma das dificuldades encontradas durante o estágio foi além dos recursos materiais escassos e mal estado para uso, foi a falta de maturidade dos alunos...”. DPS5
“O maior desafio que encontrei foi lecionar ao lado de alguém desconhecido, pois além de ter pouca experiência e de não conhecer as possíveis turmas não sabia como o outro bolsista iria lidar com o meu modo de ensino e, por isso, poderiam ocorrer conflitos de metodologias”. EAM6
“...Apesar do baque ao saber dos alunos especiais, não foi isso o que mais me preocupou, e sim, o fato de uma parte dos alunos estarem desmotivados e tratarem com descaso as aulas de Educação Física... maior desafio: remotivar as crianças com aulas criativas e que chamassem

<p>os alunos a participar... Nosso receio inicial, quanto aos alunos especiais, foi se acabando, na medida em que todos participavam e integravam os colegas com mais dificuldade, os encorajando a participar e possibilitando melhorias e crescimento em seus repertórios motores... A relutância de uma grande parte das meninas em participar das atividades comuns continua sendo uma dificuldade nas aulas...". ECFR7</p>
<p>“No Amstad a situação é muito boa. Temos muitos materiais e as turmas são reduzidas. Não vejo muitas dificuldades”. ERN8</p>
<p>“...a diferença grande de idade dos alunos, num mesmo espaço tínhamos alunos de 7 anos e outros com 11 anos... no momento da aula nós encontrávamos os alunos muito agitados e dispersos, justo por já estarem interagindo no local há algum tempo...”. ERO9</p>
<p>“Um dos desafios é, aprender a lidar com os alunos. Cada um tem suas particularidades e as vezes tem suas diferenças aí cabe a nós (professor) intervir e tentar contornar uma situação que possa gerar um desconforto entre os alunos e manter a ordem durante a aula também. A questão dos materiais não é um problema, estamos fornecidos com o que nos foi fornecido. E a área de trabalho, quadra da escola não se encontra em condições ideais, no verão é muito quente mesmo.... Mas desenvolvemos o trabalho da melhor forma possível”. JVR10</p>
<p>“O maior desafio têm sido a questão dos conflitos entre os alunos e o comportamento/falta de respeito de alguns. Além disso, outra questão que vem sendo desafiadora é que os alunos nos respeitem como professoras dentro da escola (principalmente os mais velhos, que não são nossos alunos), porque somos uma dupla de meninas e praticamente todos os dias que estamos na escola ouvimos alguma piada, assobio e comentários desagradáveis vindo dos meninos”. LOR11</p>
<p>“Quanto à questão sócio-afetiva, senti que a turma...tinham uma séria de grupos que pensavam de forma diferente, ainda que chegassem num consenso, mas de forma relutante...”LSL12</p>
<p>“...compreender e visualizar a teoria e como esta se mostraria na prática... A princípio senti o medo em me deparar com alunos que se conhecem a longo prazo, que por vezes tem uma certa afinidade com o professor titular e que talvez não estivessem tão receptivos a estilos de planos de aula alternativos aquilo que lhes era comum.... Tive receio quanto ao ambiente escolar de forma geral. Se haveria ou não estrutura adequada para as atividades pensadas anteriormente e se haveriam materiais necessários para essas práticas... era a professora titular, o medo era de que ela não fosse aberta a conversas... a sua localização. Muitas vezes ao ler um jornal ou assistir os noticiários na televisão nos encontramos com a exposição do quão difícil pode ser trabalhar em periferias pela relação com a violência... a dificuldade decorrente do uso de roupas inadequadas para a prática esportiva... Os meninos também não fogem dos estereótipos: “Os meninos jogam bola!...”. LCS13</p>
<p>“A maior dificuldade é conseguir que os alunos especiais se interessem nas aulas de educação física, é uma barreira que ainda não consigo quebrar”. LF14</p>

“A escola que trabalho me proporciona muitas coisas que provavelmente não encontrarei em outras escolas. Dificuldades como falta de material, alunos sem responsabilidade e respeito, são desafios que eu esperava encontrar quando iniciei no programa, porém isso não aconteceu. O desafio maior é ter uma vida como docente, porque na escola não somos apenas bolsistas, pois todos nos enxergam com deveres e obrigações de professores, pois temos que planejar executar e avaliar os alunos”. LNGL15

“Penso que um desafio que quase sempre estará presente para o professor de Educação Física é o modo de lidar com tantas diferenças culturais e também cognitivas, assim, tentando agregar todos os alunos na mesma atividade sem que se sintam excluídos”. MFR16

“...tive uma impressão de que seria algo difícil, visto que a estrutura da escola é muito simples e alguns dos alunos têm dificuldades cognitivas e motoras...a quadra de esportes deixa a desejar. É de cimento e possui uma grande árvore de um lado, fazendo com que as raízes tenham desnivelado o espaço.... Também é visível a separação por gênero na turma de sexto ano. Os meninos são um pouco agressivos em relação às meninas, dificultando a integração na turma e fazendo com que as mesmas não se sintam à vontade em relação às atividades com mais contato... acho que em alguns momentos existe uma frustração causada pela desmotivação de certos alunos...”. MGGT17

“...a maior dificuldade é para dias de chuva forte, que não existe uma opção mais válida, sendo a sala de aula, a única opção... O exercício da Docência é bem complicado, porque na verdade estudamos na graduação, os professores auxiliam, dão dicas, passam o conhecimento e o que deve ser feito. Mas quando nos deparamos com a real situação, tudo fica mais difícil... existe todo o tipo de aluno, os que participam, os que ajudam muito no bom andamento da aula, os rebeldes que adoram desafiar o professor, e também os que têm dificuldades de aprendizado... confesso que sempre o que me deixou apreensivo foi a questão de conseguir administrar meninos e meninas nas aulas de educação física”. MLM18

“...no primeiro semestre de 2014 as aulas das segundas feiras eu dava sozinho, pois os dias de aula do meu colega eram quartas e quintas. Sendo assim, tínhamos de dar uma aula sozinha e uma aula em duplas por semana. Com essas circunstâncias, ficava um pouco mais difícil de dar uma aula produtiva e agradável a todos nas segundas feiras já que eu estava sozinho nestes dias... Busco sempre aproveitar ao máximo as capacidades deles e não focar apenas nas suas limitações...Pensar em aulas que integrem toda a turma e mais esses alunos citados acima, realmente, foi uma dificuldade que encontrei no início...o número de alunos em cada turma é relativamente pequeno, o que acaba limitando o número de atividades que podem ser utilizadas na aula (8 a 10 alunos)...”. MMS19

“... O primeiro desafio, foi a falta de experiência como professor, mesmo em detalhes, como fazer a chamada, modulação da voz, como e quando usar o apito, se fazer entender por crianças de diversas idades, resolver conflitos entre alunos e como motivar os alunos... O segundo desafio se deu por conta da incidência de alunos especiais na escola, que está em torno de 10% dos alunos em cada turma...”. MCM20

“O mais difícil é ganhar o respeito dos alunos, conseguir se adequar a cultura da escola,

controlar as turmas”. NRC21
“O maior desafio acredito que seja a diversidade. Lidar com os alunos sendo eles tão diferentes seja por seus problemas familiares, crenças e até mesmo a forma como eles veem a educação física”. PE22
<p>“Meu principal desafio é fazer com que os alunos se interessem por atividades fora das suas zonas de conforto, físicas e mentais.”</p> <p>Exemplos: Debates sobre diversos assuntos (preconceito, homossexualismo, etc), esportes/atividades que eles não gostam de praticar, brincadeiras que eles não gostam, inclusão de gênero (aulas mistas), etc. RST23</p>
“O desafio de ministrar aulas é o mais "difícil" que estou enfrentando, pois a escola tem bons materiais, o espaço não é dos melhores, porém, com uma boa adaptação ele acaba ficando bom”. RM24
“... Os alunos não se respeitavam, o desenvolvimento cognitivo, motor e físico estavam abaixo do esperado, sendo o desenvolvimento motor muito abaixo.... No início tivemos muita dificuldade em mudar a mentalidade dos alunos, que só queriam fazer a aula se A prática fosse a escolhida por eles...”. TCTO25
<p>“Tive a oportunidade de trabalhar em dois subprojetos. No primeiro, anos iniciais, o desafio era controlar a empolgação que os alunos tinham para as aulas de Educação Física, com turmas grandes e com um período curto para a aula. Nesse projeto trabalhamos com apenas uma turma, o 4º ano. Aconteciam muitas brigas entre os alunos, eles não aceitavam a derrota, todos participavam ativamente das aulas.”</p> <p>“No segundo subprojeto, esportes, é quase o contrário do que vivenciei nos anos iniciais. Trabalhamos com quatro turmas, dos anos finais do ensino fundamental, maior tempo de aula, pouquíssimos alunos que na grande maioria não gostam da Educação Física. O maior desafio é motiva-los para realizar as atividades, visto que eles usam muitas "desculpas" para não participar das aulas”. TSJ26</p>
“... Quando ingressei no projeto, vários eram meus anseios, onde alguns permanecem até hoje. Como será que vão me receber? Como é o dia a dia da escola? Como me portar pela primeira vez como um professor?... Quando aceitei o desafio, mesmo sabendo de todas as dificuldades que tinha pela minha timidez diante do público, sabia que esta era a hora de dar a cara a bater, era a hora de tentar, de errar, de acertar, de mudar e de persistir...”. WAL27

Quadro 3: Respostas dos bolsistas selecionados em relação aos aprendizados e aspectos positivos encontrados nas aulas do PIBID

Aprendizagens obtidas na prática dentro do PIBID
“...próximo a semana da olimpíada da escola, chamada Olimgrau, alunos e professores se engajaram com muita dedicação a preparação do evento... tive a oportunidade de participar como mesário e como coordenador na organização das atividades esportivas...pude ver a evolução dos alunos durante uma competição...”. ACS1
“.... Tivemos a oportunidade de conversar com alguns professores sobre possíveis mudanças que esperávamos que acontecesse. Eles nos relataram que foi visível a aderência dos alunos às aulas de educação física...há momentos de alegria e realização quando percebemos os alunos felizes; agradecidos; com saudade, demonstrando carinho; e também com motivação e empenho nas atividades propostas...”. ABF2
“...pude ter momentos de ver evolução em cada um dos alunos que tive, todos melhoravam em algo e assim a sensação de dever cumprido e de gratificação foram aparecendo.... Participei também de algumas atividades muito interessantes realizadas pela direção da escola, no qual pude auxiliar na organização, realização e observação dos alunos em eventos como gincanas, torneios esportivos, apresentações de coreografias temáticas, etc...”. ARR3
“Toda aula que damos temos algum aprendizado. Os desafios citados na pergunta anterior com certeza são os maiores aprendizados que temos nas aulas em virtude das maneiras de como lidar com cada aluno. Outro desafio é a limitação dos espaços para dar aula e os materiais”. CG4
“...A motivação para a prática nas aulas foi realizada mediante o diálogo com os alunos. Deixando claro os objetivos e a importância da prática de educação física no seu dia a dia, na manutenção e melhoria da saúde...A forma que lidamos nesses momentos foi de passar a responsabilidade da prática, do envolvimento com a Educação Física, para o aluno, tornando-o mais maduro, reflexivo e crítico sobre suas ações.... Notamos que é possível trazer novas propostas para as aulas de Educação Física na escola, para além do que vemos nas atividades tradicionais: futsal e vôlei...”. DPS5
“...minha segurança e afincamento ao realizar essa função trouxe o respeito dos alunos por mim, criando uma relação de amizade recíproca, tornando-me mais do que um tutor para muitos deles... O convívio com os professores do Júlio Grau das outras disciplinas, fizeram com que eu adquirisse experiência para lidar com acontecimentos diários e os comportamentos de determinados alunos que apresentavam indisciplina... Interessante notar a motivação que toda a escola, incluindo os professores e os funcionários, na véspera e durante a semana da olimpíada, contagiando todos e comprovando que os esportes são um meio de integração...”. EAM6

"...no decorrer das primeiras aulas, percebemos que tudo transcorreria bem, pois não era o bicho de sete cabeças que se desenhara em nossas mentes...Vale salientar que a direção e a coordenação da escola sempre foram muito solícitas quanto a esse ponto, sempre nos trazendo material sobre necessidades especiais dos alunos e nos possibilitando diálogo com a professora da sala de recursos, que trabalha diariamente com esses alunos...Cabe a cada um de nós, assumirmos a posição de professor e desempenhá-la com o maior esforço para que mudemos esse panorama". ECFR7

"De todos os tipos, mas o que tenho notado de mais importante são as abordagens que devo utilizar, a forma de levar cada aluno, entendendo as peculiaridades de cada um. Entender que cada um tem e vem de uma realidade diferente e saber como lidar, não deixando que eles se sintam apenas como mais uma criança entre as outras". ERN8

"...foi proposto o início da escolinha para aumentar a nossa vivencia pratica dentro da área esportiva escolar. Essa intenção foi vista com bons olhos e recebida positivamente, trabalhar com diversas faixas etárias só amplia o aprendizado no trabalho com os alunos e propicia experiências diferenciadas quando se trata do exercício da docência...os alunos chegavam mais cedo na escola. Mesmo não sendo o horário da aula, eles já se dirigiam direto para a quadra e por lá ficavam brincando ou conversando, o que já era resultado da interação entre eles que ocorreu durante as aulas... é notável a mudança comportamental de alguns alunos, comparando como eram quando começou a escolinha e como estão agora...". ERO9

"Estou a 7 meses no projeto, até então não tive contato em dar aulas, nas primeiras semanas foi uma novidade assim, não sabia como agir e me sentia meio perdido..., mas com ajuda do meu colega de projeto, que foi me dando alguns conselhos e passando sua experiência foi me dando mais confiança em planejar e aplicar as aulas para a gurizada. Percebo que os alunos sentem uma confiança em nós, uma relação de confiança, é uma situação diferente". JVR10

"Acho que aprendemos muito com os alunos e com as situações que ocorrem durante as aulas, seja em relação aos conteúdos abordados ou no que diz respeito às questões sociais e de convivência. Como docente vi que precisamos ter muita paciência, cuidar a maneira como falamos e o que falamos, entender as limitações dos alunos, resolver conflitos, explicar as atividades de forma clara e objetiva, entre outros aspectos que desenvolvemos na prática". LOR11

"...o principal a ser otimizado, que já vinha sendo visto com os alunos pela professora titular, seria o enfoque social... Consegui ter mais intimidade com os estudantes a ponto de levar uma amizade professor-aluno...". LSL12

"Após conhecer a escola para qual fui designada, durante a primeira visita desmistifiquei muitos receios... O colégio apesar de não apresentar um ginásio fechado em sua estrutura física apresenta ótimas condições... As primeiras aulas que ministrei observei diferentes reações dos alunos (as)...tivemos organizada e realizada as Olimpíadas interséries da escola...Pelo seu caráter competitivo, via-se as turmas unidas entre si, sem os típicos grupos definidos por afinidades que são comuns no dia-a-dia. Era perceptível também a disposição e

<p>interesse para a prática esportiva, o uso de vestuário que facilitavam os exercícios e a evolução no desempenho esportivo geral...Entre essas e tantas outras situações que pude vivenciar me relacionando como professora, consegui direcionar meu interesse a um tema específico que acompanha os alunos(as) desta escola desde os anos fundamentais até sua conclusão do ensino médio: o gênero...”. LCS13</p>
<p>“A adaptar atividades, a criatividade a reconhecer as individualidades de cada aluno, saber lidar com o contexto de cada criança, diversas abordagens para incentivar a participação, organizar aulas ... são coisas que só no ambiente escolar se aprende”. LF14</p>
<p>“O maior aprendizado é ter a vida de um professor dentro da escola. Ter a experiência real de um docente. Sair da teoria e ir para a prática, enfrentando imprevistos, aprendendo a trabalhar em equipe, assumir responsabilidades e obrigações de um profissional de educação física escolar”. LNGL15</p>
<p>“...Após esse tempo de treino percebemos tranquilamente uma maior aproximação e um maior companheirismo entre os alunos do time... As experiências como mesário e “organizador/ajudante” na OLIMGRAU foram muito boas e proveitosas, pois saímos um pouco da nossa rotina de treinos para participar de um evento muito bonito e bem organizado...”. MFR16</p>
<p>“...Pude notar que os alunos mais novos são mais receptivos às atividades que tentamos desenvolver enquanto os mais velhos, na faixa de 15 anos, sempre apresentam resistência às atividades propostas... Sobre a turma de sétimo ano, é a mais unida da escola. Meninas e meninos participam com regularidade das aulas e são muito receptivos às novas atividades que tentamos desenvolver. Nesta turma temos uma aluna especial que ainda não conseguiu se encaixar nas aulas, participando somente das aulas para os alunos especiais... é muito gratificante quando uma atividade é bem-sucedida e podemos ver no rosto dos alunos a vontade de participar...”. MGGT17</p>
<p>“... É uma escola de ensino fundamental que pode ser considerada pequena, com um espaço físico externo e interno muito bom... através de jogos cooperativos e o ensino dos esportes, conseguimos melhorar consideravelmente alguns pontos que prejudicavam as aulas... pude perceber o quão importante tem sido esta experiência com estas crianças, pois frequentemente estamos aprendendo a lidar com situações que acontecem na escola...”. MLM18</p>
<p>“...A Escola Plácido de Castro é uma escola de inclusão e, portanto, nos fornece a excelente oportunidade de darmos aulas de Educação Física para alunos especiais... o lúdico e o brincar são de extrema importância para o desenvolvimento das atividades utilizadas em aula... para mim, um bom professor não é aquele que prende a turma na aula e sim aquele que desperta no aluno a vontade de aprender... temos vários alunos especiais, dentre eles um aluno autista, um cadeirante que tem diagnóstico de paralisia cerebral leve e teve hidrocefalia, um com fissura labial...entre outros alunos que acabam nos propiciando momentos e experiências inesquecíveis, além de nos ensinar a olhar a vida com outros olhos...”. MMS19</p>
<p>“..., nenhum professor da graduação pode te ensinar essas coisas, já que cada professor deve construir sua própria identidade enquanto docente... o nosso maior aliado foi o esporte,</p>

através dele conseguimos trazer todos os alunos para nossa aula, já que não só as crianças, mas as pessoas de maneira geral gostam de esportes...”. MCM20
“É difícil de expressar os aprendizados que estou obtendo em palavras, mas creio que aprender a linguagem do aluno como um todo, percebendo suas expressões faciais, corporais e verbais seja o principal”. NRC21
“Elaborar aulas, trabalhar com as diversidades dos alunos, como criar mecanismos através do esporte para que possamos ajudar nossos alunos em questões particulares”. PE22
“O principal aprendizado que eu estou tendo nessa experiência é entender a realidade da maioria da juventude brasileira, condições de estudo, etc. Outro fato que eu acho importante é ver na prática como o capital se apropriou da formação acadêmica da nossa juventude e de como isso reflete na realidade das classes mais humildes”. RST23
“ Tenho aprendido como dar aulas, como agir de acordo com o espaço que temos e como me relacionar com crianças, por ser uma experiência que nunca tinha vivido, ela tem sido bem importante e me proporcionando cada vez mais aprendizado.”RM24
“...Creio que a falta de estímulo nos anos iniciais gera na criança uma autoimagem negativa, assim ela leva isso para os anos futuros e acaba inibida na prática de esportes e atividades físicas pelos insucessos. Deveria ser função do professor proporcionar uma maior diversidade de atividades, buscando sempre proporcionar novas experiências e agregar mais ao repertório motor do indivíduo...”. TCTO25
“Foram muitos aprendizados, em que pude aprender na prática e no ambiente escolar, diferentemente das aulas no curso de Educação Física. Através do PIBID, hoje eu me sinto mais seguro para entrar no estágio obrigatório do curso de Educação Física graças a muitos conselhos que tive da professora coordenadora no subprojeto Anos Iniciais”. TSJ26
“Se me perguntassem hoje, qual a sensação de estar diante de uma turma, mesmo que de maneira inicial, eu responderia sem pensar duas vezes: Indescritível... Um dos pontos a serem ressaltados neste meu relato é a ajuda que recebi da minha orientadora e de meus colegas... A cada aula, a cada campeonato acompanhando e dando apoio, a cada dia, são aprendizados novos que vamos adquirindo para poder contemplar nossa formação da maneira mais rica possível”. WAL27

4.1 MOTIVAÇÕES

Nas falas dos bolsistas sobre as motivações para ingressar no PIBID, um dos pontos mencionados foi a possibilidade de relacionar a teoria observada nas aulas da graduação com a prática propriamente dita. De fato, a atuação no programa permite um olhar diferenciado para essa questão, já que o licenciando está introduzido na realidade escolar. Estando à frente de uma turma, o acadêmico tem a oportunidade de colocar o conteúdo conceitual a prova, analisando se este é suficiente para uma intervenção de qualidade em uma aula de Educação Física.

Ao professor se atribui o papel de intermediário entre o conhecimento e o estudante, para que este tenha protagonismo no processo de aprendizado. Será que os saberes adquiridos em minha formação superior fornecem as ferramentas necessárias para que eu cumpra esse papel? Através dessa experiência no PIBID, é possível fazer essa reflexão, pois, o graduando estará exercitando à docência de forma concreta.

Em seu estudo, Torres e Ferreira (2013) afirmam apoiados por outros trabalhos, que a teoria se apresenta afastada do cenário prático encontrado pelos professores. Deveria haver uma aproximação maior entre o que está sendo ensinado na universidade e o que se observa na realidade das escolas públicas, que possa ser aplicado de maneira efetiva.

Acredito que este distanciamento está em não preparar o acadêmico para lidar com situações que são corriqueiras na escola, como o descaso dos alunos e até dos próprios colegas de trabalho com a disciplina, a desvalorização da categoria a qual ele irá pertencer ou até mesmo a relação professor-aluno, onde não é aconselhável impor uma metodologia, mas sim dialogar com todos, a fim de ganhar a confiança para desenvolver suas ideias.

“A formação acadêmica se caracteriza por ser o período onde o estudante se apropria dos saberes e habilidades da profissão e se torna capaz de integra-los para poder atuar na escola, buscando uma competência profissional ampliada” (KOGUT, 2012, p.2). É o espaço onde se aprende a planejar, se recebe orientações sobre metodologia e didática, se compreende quais os conteúdos são de responsabilidade da Educação Física, mas não se tem uma ideia real do que virá pela frente, uma aula de graduação não contempla tal situação.

Os encontros teóricos têm por objetivo deixar o futuro profissional apto a trabalhar com este componente curricular na instituição de ensino, porém, fica difícil imaginar as condições que encontraremos no local para desenvolver o trabalho. Apenas os estágios

obrigatórios para entender o contexto escolar é pouco, a atuação no PIBID deveria ser exigência para quem frequenta um curso de licenciatura, assim, esse vínculo entre teoria e prática seria feito de maneira eficiente, proporcionando uma qualificação maior ao futuro educador.

Outro ponto que apareceu nos depoimentos foi à experiência adquirida na área de atuação através do PIBID. Uma das justificativas para o ingresso no programa foi vislumbrar nele uma possibilidade de enriquecer o currículo profissional, preparando-se para as oportunidades de trabalho que irão surgir. Além disso, tomar conhecimento sobre o cotidiano escolar, uma vez que tornar-se professor de Educação Física é a atividade final do curso.

É uma vivência encarada como qualificação, onde o aprendizado está em lhe dar diretamente com as questões da docência, desenvolvendo atividades que proporcionem um amadurecimento, que demonstrem ser acertada a escolha profissional que foi feita. Com essa aproximação antecipada entre professor e escola que o PIBID permite, eleva-se o nível de formação do licenciando, que estará mais preparado quando tiver a chance de assumir o seu cargo.

A inserção no campo de atuação habilita o indivíduo para lidar com os desafios que irão surgir em seu ambiente de trabalho, facilitando a resolução dos problemas que podem acontecer. Com certeza se formará um educador extremamente capacitado, pois trará consigo um alcance maior de pensamentos sobre a educação, a função da escola e qual o seu papel em todo o processo, qualidades que não estão presentes em professores recém-formados.

Em seu estudo, Clates, Leães e Gunther (2013) entrevistaram egressos do curso de licenciatura em Educação Física do CEFD/UFSM que integraram a equipe de bolsistas do PIBID. Os mesmos evidenciaram a contribuição dessa experiência em seu processo formativo, por entenderem que os estágios obrigatórios não atingem a carga horária suficiente para um real entendimento do espaço escolar.

Nesse sentido, os egressos enfatizam de um modo geral as experiências pré-profissionais e profissionais que estiveram presentes de forma construtiva nas narrativas, como sendo fundamentais para afirmação na profissão representando um momento importante em suas vidas, os fazendo compreender a importância da inserção no PIBID, no qual se permitiu um maior conhecimento acerca da realidade da futura profissão e das falhas do processo de formação e os ajudando no percurso formativo com a antecipação da socialização docente (CLATES, LEÃES E GUNTHER, 2013, p. 6).

Essa referência da literatura vai ao encontro dos dizeres expressos nesse trabalho, os bolsistas têm o privilégio de adquirir experiência na prática, trazendo segurança para

desempenharem suas funções. Também percebem o que é preciso buscar além da formação que estão recebendo na universidade, por já estarem familiarizados com a rotina de uma escola e se qualificam para uma entrada favorável no mercado de trabalho.

O bom conceito do programa institucional de bolsas de iniciação à docência foi mencionado durante as falas dos entrevistados como fator que os motivou a procura-lo. Alguns comentários positivos que ouviram a respeito do programa, enfatizando a experiência prática nas instituições de ensino tiveram impacto em sua decisão de participar do mesmo. Há consenso em afirmar que o PIBID é a melhor opção para quem realmente deseja ser professor, por tudo que ele proporciona e pelos princípios que o norteiam.

Talvez essa boa caracterização do PIBID esteja baseada na ideia de valorização do magistério, por promover esse contato entre professores que já exercem a profissão e os que ainda estão em formação. Essa troca de experiências só melhora o trabalho que está em andamento e ter um projeto voltado especialmente para o desenvolvimento da docência resgata a vontade dos educadores de fazer o seu melhor, traz essa sensação de reconhecimento, incentivando os bolsistas a seguir na educação básica.

Os profissionais da educação necessitam de capacitações e formações que venham proporcionar uma nova dinâmica no cotidiano escolar, que possibilite aos docentes e discentes a interatividade com o conhecimento de forma objetiva e prazerosa, acompanhando as modificações dos paradigmas e o crescimento tecnológico (SILVA et al., 2012, p. 215).

É exatamente isso que torna o programa atrativo, a chance de promover uma prática criativa e arrojada, dando novos ares a rotina dos alunos. Essas informações sobre o PIBID se espalham entre os acadêmicos, fazendo com que cada vez mais licenciandos queiram integrá-lo, a fim de obter um acréscimo em seu aprendizado.

Um dos objetivos do PIBID é trazer o jovem estudante de licenciatura para os processos que fazem parte do cotidiano escolar, gerando assim um significativo crescimento acadêmico, um conhecimento que estaria longe de ser atingido apenas com os estágios supervisionados constantes no currículo do curso de graduação em Licenciatura Plena em Física (SILVA et al., 2012, p. 216).

No decorrer de seu período na faculdade, são escassas as oportunidades de entrar em contato direto com o espaço escolar e, mesmo quando há essa possibilidade, o olhar como educador não é tão apurado quanto ao que este programa promove. Só com essa proximidade as competências e habilidades que são indispensáveis à prática docente serão desenvolvidas, o que fortalece sua implementação, já que proporciona essa vivência que nem mesmo a grade curricular do curso contempla.

4.2 DESAFIOS

O trabalho com alunos especiais foi citado nos depoimentos como um dos desafios enfrentados pelos bolsistas em sua prática docente. Uma das escolas que integra o nosso subprojeto recebe esses estudantes e permite o contato com os mesmos. Num primeiro momento, houve espanto de alguns por encontrar discentes com características tão diferentes num mesmo espaço, causando uma reflexão sobre o preparo ou não para lidar com certas situações.

É possível perceber que a formação deixa a desejar nesse aspecto, nosso currículo conta com apenas uma disciplina obrigatória que trata de Educação Física com alunos especiais, e a metodologia não é a mais adequada. Uma série de informações sobre as deficiências é transmitida, porém, não há explicação sobre as formas de intervir junto aos alunos especiais. Era proposto que nós, graduandos, pensássemos em atividades para desenvolver durante as aulas, sendo que chegávamos naquela etapa sem nenhuma informação anterior sobre o assunto.

“Partimos do pressuposto de que esse despreparo, ou “necessidade de capacitação”, termo bastante utilizado por profissionais da educação quando apresentam dificuldades em atuar com alunos com deficiências, poderia ser minimizado com investimentos nas formações iniciais e continuadas do professor” (MENDES E PÁDUA, 2010, p. 16). Nota-se que não é um episódio isolado, é um problema que atinge o curso de Educação Física, não apenas o currículo de determinadas instituições.

Aqui retorno a questão da necessidade de um ensino mais efetivo para a atuação direta na escola. Poderiam ser apresentados vários exemplos de situações que acontecem em aulas de Educação Física com alunos especiais, debatendo sobre formas de interceder a fim de inclui-los nas atividades que estejam sendo desenvolvidas, para que estes não tenham prejuízo em seu aprendizado. “O objetivo da inclusão é possibilitar o acesso, a permanência na escola e o sucesso acadêmico de todos os alunos” (MENDES, PÁDUA, 2010, p. 14). Partindo desse princípio, seria interessante essa instrução mais direcionada para a prática, afim de um ganho na formação para todos.

É importante reconhecermos as características que cada deficiência apresenta, no entanto, outras questões também devem ser contempladas, por exemplo, a forma de entrar em contato com os estudantes, é preciso todo um cuidado na aproximação. Na intenção de

chama-los a participar da aula, essa abordagem fará toda a diferença, saber a melhor maneira de estabelecer um vínculo com o aluno especial é fundamental para sua adesão às atividades.

Para este grupo de bolsistas, a atuação no PIBID serviu como uma espécie de extensão de sua formação, visto que os mesmos só compreenderam as formas de agir frente a esse público específico através do contato e da experiência que tiveram em seu dia-a-dia nas escolas. Destaco a importância dos profissionais que trabalham nessa instituição de ensino que nos recebe, o apoio de educadores mais experientes e que possuem conhecimentos específicos nessa área é decisivo para que o licenciando consiga intervir de maneira adequada nas aulas com alunos especiais.

A questão de ser respeitado enquanto professor também surgiu nas respostas dos bolsistas. Fazer com que os alunos enxerguem a figura docente em sujeitos que estão em formação não é uma tarefa simples, especialmente quando encontramos situações tão particulares como as que se apresentam nas escolas de educação básica.

Em alguns casos, a escola designada para a atuação sequer tinha um educador responsável pela disciplina, o que dificultava o processo, já que os alunos estavam acostumados a ficar com o tempo livre no horário da aula de Educação Física. Com isso, os discentes entenderam que a presença de um professor é dispensável, julgando-se instruídos o suficiente para administrarem suas atividades. Todo esse cenário anterior acaba resultando em resistência por parte dos alunos, que não aceitam receber orientação nenhuma, gerando impasses em alguns momentos durante os encontros.

Diante desse quadro, o grande desafio é ganhar o respeito e a confiança dos estudantes, construindo junto a eles a imagem de educador responsável pelo componente curricular Educação Física. Para isso, é importante demonstrar o domínio do conteúdo que está sendo trabalhado, dando orientações a todo o instante e de forma apropriada. Assim, o licenciando passa a ter credibilidade perante a sua turma, fazendo com que exista uma consideração por parte dos educandos.

Em seu trabalho, Galvão (2002) levantou as competências ou características daquele professor considerado bem-sucedido em sua intervenção profissional, evidenciando a prática pedagógica de uma professora de Educação Física escolar em seu local de trabalho. Trago uma passagem desse estudo, que ilustra a fala anterior.

Os elogios aos alunos surgem naturalmente. Por várias vezes ela elogiou as respostas ou os gestos acertados dos alunos, também incentivando aqueles que erraram. Em uma das aulas observadas ela foi até o meio da quadra para cumprimentar um aluno que, ao executar o gesto correto no handebol fez o gol. Ela vibrava, saltava, comemorava com os alunos durante os jogos, sorria

sempre e brincava bastante, demonstrando carinho pelos alunos (GALVÃO, 2002, p. 70).

É o tipo de abordagem ideal para conseguir o respeito dos alunos, pois, a docente incentiva todos a se empenharem ao máximo, dando retorno positivo sobre as ações realizadas durante a aula, de maneira oportuna e frequente. Em outro trecho do estudo, a autora relata o vínculo afetivo que se estabeleceu entre os estudantes e a professora, descrevendo a despedida carinhosa que ocorreu no final de um dos encontros por parte de uma das alunas. Criou-se uma conexão com os alunos, a postura da educadora despertou um sentimento de segurança nos estudantes, consolidando a relação de confiança que é fundamental para adquirir o respeito dos discentes.

Outro ponto citado pelos bolsistas foi a resistência dos estudantes com a prática inovadora proposta nas aulas de Educação Física. Inicialmente, apresento o trecho de um estudo que foi produzido em que se procura definir o perfil de um professor inovador.

Em contraposição a estas duas caracterizações, poderíamos, em caráter preliminar, identificar características que perfazem um terceiro tipo de prática, que denominamos inovadora, aqui o/a professor busca: a) inovar os conteúdos da Educação Física, ampliando-os para além dos tradicionais esportes, tematizando outras manifestações da cultura corporal de movimento, além de considerar como conteúdos de aula aspectos ligados ao conhecimento **sobre** a cultura corporal de movimento, como conhecimentos fisiológicos, antropológicos, sociológicos, etc. tratando-os contextualizadamente, portanto, articulando teoria e prática; b) modificar o trato deste conteúdo, não mais se resumindo a apresentar os gestos considerados corretos, e sim, envolvendo o aluno como sujeito do conhecimento, construindo um ambiente de cogestão das aulas; c) utilizar diferentes formas de avaliação que envolvam o aluno nas decisões do que avaliar, como avaliar e, mesmo, no próprio ato de avaliação (auto avaliação); d) articular a EF de forma mais clara e orgânica ao projeto pedagógico da escola (SILVA, BRACHT, 2012, p. 82).

Partindo dessa definição, faço algumas considerações para que essa proposta obtenha êxito ao ser colocada em prática. Primeiro, é preciso mudar a imagem que os alunos têm da disciplina, já que a enxergam como seu horário de recreação ou espaço para fazer o que querem, sem instrução alguma. Essa característica dificulta a implementação de uma metodologia mais moderna, que contempla outros conteúdos que não sejam os comumente trabalhados nas aulas.

“Na nossa história recente o ensino da educação física esteve voltado, em grande parte, para o ensino das destrezas esportivas com vistas a introduzir os alunos nas práticas do esporte, sendo que o modelo para essa prática era, normalmente, o esporte de alto rendimento” (SILVA, BRACHT, 2012, p.80). Esse tipo de abordagem que foi citada acima é

considerada insuficiente na visão de prática inovadora, embora ainda existam muitos professores de Educação Física que desenvolvam sua prática baseado nesse princípio. Utilizando essa organização, o educador privilegia os mais habilidosos, deixando os demais afastados da aula que está ocorrendo.

Essa contextualização foi feita para explicar o porquê de os alunos se mostrarem contrários a prática inovadora. Os mesmos já estão acostumados a essa sistemática, são deixados de lado e não se importam muito com isso. Então, quando chega um profissional que deseja fazer diferente, sair do lugar comum em que se encontra a Educação Física, tirando o estudante de sua zona de conforto (ter sempre o mesmo conteúdo, transmitido da mesma forma) há uma reação negativa.

Esse tipo de comportamento dos alunos revela a necessidade de uma mudança na metodologia dos professores deste componente curricular. Quebrar a hegemonia de certas práticas não é o bastante, também rever o modo como ensinar os conteúdos mais tradicionais pode ser uma saída. Ir além do gesto técnico, desenvolver exercícios que aliem o cognitivo a habilidade motora, que simulem situações reais da atividade fim se apresenta como um modelo interessante, por contribuir efetivamente no aprendizado do conteúdo trabalhado.

Romper com o desinvestimento pedagógico, isto é, apenas ocupar o tempo de aula com atividades livres, sem nenhum envolvimento do profissional responsável pela disciplina é fundamental para a aceitação da prática inovadora por parte dos estudantes. Desfazer essa imagem que foi criada pelos educandos, que na hora da Educação Física só se faz o que der vontade e se não quiser fazer nada, tudo bem.

4.3 APRENDIZAGENS

Os alunos que integram o programa institucional de bolsas de iniciação à docência chamaram a atenção sobre o grande impacto que o exercício da docência tem em seu aprendizado. Vários aspectos que apontam nessa direção foram citados, enaltecendo a relevância da vivência prática nas escolas. A maneira de interagir com o aluno, entendendo que cada um vem de uma realidade diferente, com suas particularidades, fazer ele sentir-se importante dentro da aula para motivar sua participação e despertar nele a vontade de adquirir novos conhecimentos. Trabalhar com estudantes de faixas etárias distintas propicia um significativo crescimento profissional, pois, prepara o futuro professor para lidar com todos os tipos de públicos que ele pode encontrar ao ingressar na instituição de ensino.

Desempenhar as tarefas sob responsabilidade de um educador é uma grande experiência. Tomar conhecimento das obrigações a cumprir dentro da escola, dialogar com seus pares na sala dos professores, avaliar os alunos, a prática como docente proporciona o aprendizado de todas essas situações presentes na rotina escolar. Estabelecer estratégias de ensino que sejam adequadas, aprimorar a capacidade de planejar aulas, são elementos que só na prática serão desenvolvidos efetivamente.

A oportunidade que os graduandos envolvidos no PIBID estão tendo lhes fornece subsídios para desempenhar bem sua função, já sabedores dos obstáculos que provavelmente enfrentarão em sua carreira como docente. Por já terem exercido o papel de professor durante a graduação, a transição entre a vida acadêmica e a vida profissional não lhes causará tanta estranheza. É comum que os educadores recém-formados levem um choque ao se deparar com a realidade encontrada nas escolas, tendo em vista a relação distante que mantém com a prática enquanto frequentam o curso superior. Fica evidente, a partir dessa análise, a importância de exercitar a docência no decorrer da formação, na intenção de superar os desafios que irão surgir ao longo de sua trajetória.

Uma lição que fica para os pibidianos é o conhecimento adquirido, na prática, da interdisciplinaridade. Apresento a seguir o trecho de um trabalho que tenta dar uma ideia sobre o que quer dizer esse termo:

No subprojeto Interdisciplinar do PIBID, os acadêmicos, assim como os professores supervisores, têm a oportunidade de conhecer e gradualmente se apropriar do termo “interdisciplinaridade”, que é, de uma maneira reduzida,

a capacidade de interligar diferentes disciplinas, em diálogos e trabalhos em grupos (BATISTA, BITTENCOURT, 2015, p.5).

Esse tema está bem presente na educação atual, sobretudo nas escolas de Ensino Médio, que se organizam de maneira diferente, por áreas de conhecimento. Cada vez mais se incentiva esse trabalho entre as disciplinas, a articulação entre os saberes escolares traz uma nova perspectiva de ensino aos alunos e vem sendo estimulada pelos gestores das instituições de ensino.

“As experiências docentes acumuladas pelos bolsistas no PIBID assumem papel relevante na formação do professor, servindo como espaço de projetos interdisciplinares, ampliando a compreensão e o conhecimento da realidade profissional de ensinar” (SOUSA, GAMA, PASSOS, 2010, p.5). Essa fala expressa o que destaquei nos parágrafos anteriores, de quão significativo é o exercício da docência dentro do programa, por todos os elementos que estão envolvidos e pelo aprendizado das várias nuances que compõe a vida de um educador.

Ainda segundo Sousa, Gama e Passos (2010), que destacaram em seu estudo as aprendizagens da docência reveladas por licenciandos de matemática no projeto PIBID da Universidade Federal de São Carlos, existe uma dificuldade em trabalhar com a interdisciplinaridade, considerando a falta de ensinamentos sobre o tema e o modo como está estruturado o currículo das escolas. Ao longo do curso, apenas no estágio do Ensino Médio pude ter contato direto com o assunto, nas aulas das disciplinas o máximo de aproximação que tive foi comentários realizados pelo professor ministrante, em nenhum momento houve debate sobre como trabalhar essa questão na prática.

Essas aprendizagens obtidas pelos bolsistas são únicas, que contribuem para a construção de sua identidade enquanto docente. Ter adquirido toda essa experiência através da atuação direta nas escolas traz uma sensação de segurança, de afirmação, de estar consciente do que é necessário para conduzir uma boa aula de educação física. Também é preciso ter em mente que o professor deve continuar sua formação permanentemente, adaptando-se as mudanças que irão ocorrer ao longo do tempo, trabalhando de forma coletiva com os seus pares, na intenção de qualificar o aprendizado dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver este estudo, foi possível perceber que os bolsistas integrantes do subprojeto esporte na escola do PIBID forneceram as informações necessárias para solucionar os questionamentos que foram levantados no início do trabalho. A chance de relacionar a teoria que lhes foi passada em aula com a prática nas escolas, ganhar experiência em sua área de atuação e bom conceito que tiveram do programa, definido pelas informações que colheram a respeito do mesmo os motivou a ingressar na função. Sem dúvida, suas colocações permitiram a reflexão sobre mudanças que devem ser feitas na estrutura do curso de Educação Física das instituições de ensino superior. É preciso manter a teoria e a prática num mesmo nível de importância durante a graduação, evitando separar uma da outra, com atividades que se assemelhem ao máximo com o ambiente escolar, impedindo que haja uma idealização de situações que estão distantes do que se encontra na educação básica.

As instituições de ensino têm alunos de diversas características em seu interior, o professor deve estar preparado para atendê-los da melhor forma, permitindo o seu desenvolvimento como um todo, de maneira igual, independente das suas condições. Os relatos aqui registrados apontam para uma carência no conhecimento sobre estudantes com necessidades especiais. Fica aqui a sugestão para que seja revista essa questão, afim de preencher essa lacuna. O oferecimento de mais disciplinas com esse enfoque ou a mudança de metodologia das aulas que já são ministradas, proporcionando o aprendizado de atividades para a intervenção na aula de Educação Física efetivamente são saídas viáveis para resolver o problema.

Sabe-se que uma relação de respeito entre os sujeitos que convivem no ambiente educativo é fundamental para o bom aproveitamento nas aulas. O professor deve ganhar a confiança dos discentes em suas ações no dia-a-dia, demonstrando firmeza em suas atitudes e domínio do conteúdo que está propondo e, o profissional precisa contemplar o maior número possível de práticas, se atualizando a todo o momento também para não ficar limitado apenas a um modo de ensinar.

O exercício da docência se apresenta como maior aprendizagem, pois, é na prática que as coisas acontecem. Ficando frente a frente com o aluno que o licenciando entenderá a forma mais adequada de intervenção, são elementos que não estão presentes em nenhuma aula de graduação e fazem toda diferença na vida do professor em formação, que tem a oportunidade de conhecer a rotina que o aguarda futuramente, já que existe o contato com todas as atribuições sob responsabilidade de um docente na escola.

Diante de tudo que foi exposto neste trabalho, não resta dúvida em afirmar que a atuação no PIBID deveria ter caráter obrigatório nos cursos de licenciatura das universidades, tamanha a qualificação que é adquirida através da participação no programa. Se todos tivessem essa experiência durante a formação, acredito que teríamos professores altamente capacitados mesmo sendo egressos recentes, uma vez que já teriam conhecimento das rotinas escolares e dos caminhos a serem percorridos, podendo direcionar a continuação de seus estudos para o encaminhamento de soluções das dificuldades existentes, gerando uma evolução na educação como um todo.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, A.L., DARIDO, S. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v.1, n.4, p. 101-114, dez. 2006.
- BATISTA, P.H., BITTENCOURT, R.L. Contribuições do PIBID na formação de professores a partir das três bases do novo modelo de formação de António Nóvoa. *In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E PROCESSOS EDUCATIVOS*, 2015, Criciúma - SC. **Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, 2015, v.1, p. 1-7.
- BERGAMASCHI, M.A., ALMEIDA, D.B. Memoriais escolares e processos de iniciação à docência. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.29, n.2, p. 15-41, jun. 2013.
- BETTI, I.C.R., BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Revista Motriz**, São Paulo, v.2, n.1, p. 10-15, jun. 1996.
- CALDEIRA, A.M.S. A formação de professores de Educação Física: Quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v.22, n.3, p. 87-103, mai. 2001.
- CANHOTO DE LIMA, M.R., LIMA, J.M., MENOTI, J.C.C., PRADO, J.B., COSTA, R.L.A. Relato de Experiência: O PIBID na formação de professores de Educação Física da FCT-UNESP. **Revista Iniciação e Formação Docente**, São Paulo, v.1, n.1, p. 1-16, abr/out. 2014.
- CLATES, D.M., LEÃES, C.N., GUNTHER, M.C.C. A participação no PIBID e o percurso formativo de professores de educação física – um estudo a partir dos egressos do CEFD/UFMS. *In: 10º CONGRESO ARGENTINO Y 5º LATINOAMERICANO DE EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIAS*, 2013, La Plata. **Anais do 10º Congreso Argentino y 5º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias**, 2013, p. 1-9.
- DARIDO, S.C. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em educação física. **Revista Motriz**, São Paulo, v.1, n.2, p. 124-128, dez. 1995.
- FRANCISCO, M.V. Descompassos na formação de professores em educação física no contexto brasileiro. **Revista Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente-SP, v.24, n.3, p. 195-214, set/dez. 2013.
- FRANCISCO, P.S. **A Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma experiência através do PIBID**. 2013. 57 f. Trabalho de conclusão de curso – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- GALVÃO, Z. Educação Física escolar: A prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, p. 65-72, jan/dez. 2002.

GASPARI, T.C., SOUZA JUNIOR, O., MACIEL, V., IMPOLCETTO, F., VENÂNCIO, L., ROSÁRIO, L.F., IORIO, L., THOMAZZO, A., DARIDO, S.C. A realidade dos professores de Educação Física na escola: Suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.14, n.1, p.109-137, 2006.

GUNTHER, M.C.C., COSTA, T.M. PIBID/cultura esportiva da escola e: O processo formativo dos estudantes de Educação Física. **Revista Políticas Educativas**, Porto Alegre, v.8, n.1, p. 118-134, 2014.

KOGUT, M.C. Os conhecimentos de acadêmicos de educação física e sua implicação para a prática docente. *In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 2012, Caxias do Sul – RS. **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2012, p. 1-6.

MENDES, M.M., PÁDUA, K.C. Influência da formação na prática de professores de Educação Física que atuam com alunos com deficiência: um estudo no sistema de ensino especial. **Revista Educação em Foco**, Belo Horizonte, v.13, n.16, p. 13-39, dez. 2010.

NEUENFELDT, D.J. Esporte na Educação Física escolar: possibilidades educacionais. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.21, n.1, p. 233-246, jul/dez. 1999.

PIBID, site, www.ufrgs.br/pibid/edfísica.html, acesso em 13/12/2015.

PIBID, site, www.ufrgs.br/pibid/institucional.html, acesso em 02/10/2015.

POLO, A.C. **Interfaces entre Universidade e escola**: narrativas de professoras sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID em uma escola de Porto Alegre. 2013. 56 f. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RAUSCH, R.B., FRANTZ, M.J. Contribuições do PIBID à formação inicial de professores na compreensão de licenciandos bolsistas. **Atos de pesquisa em educação – PPGE/ME**, Blumenau, v.8, n.2, p. 620-641, mai/ago. 2013.

RODRIGUES, A.T. A Questão da Formação de Professores de Educação Física e a Concepção de Professor Enquanto Intelectual – Reflexivo – Transformador. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v.1, p. 38-47, 1998.

SANTOS, N.Z., BRACHT, V., ALMEIDA, F.Q. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.2, p. 141-165, abr/jun. 2009.

SILVA, L.G.F. et al. Formação dos professores de Física: experiência do PIBID-Física da Universidade Federal de Rondônia. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.9, n.16, p. 213-227, abr. 2012.

SILVA, M.S, BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.30, n.1, p. 80-94, jan/jun. 2012.

SOUSA, M.C., GAMA, R.P., PASSOS, C.L.B. Aprendizagens da docência reveladas por licenciandos de Matemática no projeto PIBID. *In: X ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 2010, Salvador - BA. **Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática**, 2010, v.10, p. 1-11.

TORRES, A.L., FERREIRA, H.S. A relação teoria e prática nas aulas de Educação Física escolar: Um olhar dos professores recém ingressos no ensino público municipal de Fortaleza. **Educación Física y Deportes Revista Digital**, Buenos Aires, v.17, n.176, jan. 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd176/a-relacao-teoria-e-pratica-de-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 22 ago. 2016.

VOLPATO, G.L. **Método Lógico para Redação Científica**. Botucatu: Best Writing. 2011.

VOSER, R.C. (Org.). **PIBID na Educação Física: Uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola**. São Leopoldo: Oikos, 2015